

A pastoral pede o diaconato feminino. Alguns dizem que o diaconato é inútil porque o leigo pode fazer tudo o que o diácono faz... A afirmação é pouco teológica. Com efeito, a Igreja é intrinsecamente sacramental, no sentido de que as funções eclesiais se fundamentam em realidades interiores. Ora, o leigo, por ausência do sacramento da ordem, não pode liderar "in persona Christi". E a comunidade eclesial tem direito a ser liderada por alguém "in persona Christi": bispo, presbítero, diácono. Ora, são inúmeras as ocasiões em que se faz necessária a liderança eclesial e em muitas delas, a presença da mulher pode ser mais oportuna do que a presença do homem; p. ex., em visitas domiciliares, na pastoral de crianças

e adolescentes, de enfermos... E mesmo na liturgia, falta, indiscutivelmente a presença feminina. Que se pense em religiosas de ação pastoral que podem muito bem receber o diaconato; em mulheres consagradas ao serviço eclesial...

Se Paulo VI pediu que se estudasse a questão, é porque a Igreja está atenta. Não se espera que ela tome decisões precipitadas. Mas certamente vale a pena refletir no tema. A Igreja saberá fazê-lo.

Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo

é Doutor em Teologia e História e
Diretor da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras - FAL.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga - São Paulo

O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (II)*

Pe. Dr. Beni dos Santos

Creio que existe o perigo de se encarar o Catecismo da Igreja Católica como simples compêndio de doutrina e, assim, levar a crer que a fé consiste na adesão a uma doutrina teórica com formulação estática. Ao expor o conteúdo fundamental da fé a partir da estrutura do *Símbolo Apostólico*, o Catecismo define implicitamente a natureza da própria fé cristã e também da catequese. É o que pretendo demonstrar na primeira parte deste artigo. Na segunda, sublinharei alguns pontos significativos referentes ao *mistério cristão*, que é objeto da primeira parte do Catecismo.

O vocábulo "símbolo" é a tradução da palavra grega "*symballein*", que significa reunir, coincidir. Na antiguidade, o *símbolo* era um objeto formado por duas partes que se encaixavam, constituindo uma unidade. Servia de sinal de

identificação para se conhecer um amigo, um hóspede recomendado por algum conhecido. O mito *andrógeno*, narrado por Platão, ensina que homem e mulher formam um símbolo, pois, no início, eram um único ser que se separou em duas metades. Unindo-se, como partes do mesmo símbolo, encontram a sua identidade. Santo Ambrósio, por ocasião da entrega do símbolo aos catecúmenos, dá outro exemplo do que seja símbolo. Afirma que os comerciantes tem o costume de ajuntar uma soma de dinheiro pela reunião da quota de cada um. Esta soma é guardada inteira e de modo inviolável, para se evitar qualquer fraude contra esta operação. Se algum deles comete uma fraude com relação a esta soma, é rejeitado como trapaceiro¹.

No sentido teológico, símbolo é pois a reunião dos artigos fun-

* Continuação do tema que fora iniciado na *Revista de Cultura Teológica* Nº 3, do trimestre passado.

1. Cf. Ambroise de Milan. *Des Sacrements, Des Mystères, Explication du Symbole*. Paris, Les Éditions du Cerf, 1961, 47.

damentais da fé cristã. É um "depósito" (*depositum fidei*) que deve ser mantido integralmente e de modo inviolável. Estes artigos não formam uma justaposição. Formam uma unidade. Encaixam-se de tal modo que a negação de um atinge direta ou indiretamente todos os outros.

O *Credo* tem o nome sugestivo de *Símbolo dos Apóstolos*. Vejamos a razão deste fato. Após passar por uma evolução, o Símbolo se cristalizou em doze artigos. Daí se originou uma antiga tradição que reconhece, em cada um dos apóstolos, o autor de cada um dos artigos. Rufino, que no final do século quarto, redigiu um comentário do Símbolo, refere-se a esta tradição². A mesma referência encontramos em Santo Ambrósio. No sermão da entrega do Símbolo aos catecúmenos, observa ele: "*Os santos apóstolos, pois, estando reunidos, elaboraram um breve resumo da fé, a fim de que compreendamos de modo breve, o desenrolar da nossa fé. A brevidade é necessária para que seja sempre conservada na memória e lembrada*"³. A seguir, Ambrósio afirma que o Símbolo não deve ser escrito mas entregue para ser guardado. E expõe a razão deste fato: aquilo que é escrito acaba sendo esquecido, pois se julga possuído

com segurança. Mas o que não se escreve deve, para que não se perca, ser constantemente lembrado e meditado⁴.

A tradição que atribui a autoria do Símbolo aos apóstolos não pode ser interpretada literalmente. Ela apenas exprime a convicção cristã de que, no Símbolo, está registrado o núcleo da fé que os apóstolos transmitiram à Igreja e que, portanto, a adesão a estas verdades é necessária para se conservar a identidade cristã. Daí a recomendação que Ambrósio faz aos catecúmenos: "*Chegou agora o momento de realizar a entrega do Símbolo. Este Símbolo que é um sinal espiritual, este Símbolo que é objeto da meditação de nosso coração e uma espécie de salvaguarda (quasi semper praesens custodia) sempre presente. Ele é verdadeiramente o tesouro de nosso coração*"⁵.

O núcleo central do Símbolo constituía, na Igreja primitiva, a profissão de fé baptismal. Mas, a sua origem se encontra no mandato missionário de Cristo: "*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...*" (Mt 28,19).

Embora, no tempo apostólico, ao lado da forma trinitária, exista

também a cristológica, a forma que acabou prevalecendo foi a trinitária com um conteúdo teológico desenvolvido. Ela já se encontra no século II, na liturgia romana do batismo, como registra a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. No decorrer do século III, tornou-se conhecida em diversas Igrejas do Ocidente.

Inicialmente, o texto do Símbolo tinha a forma de diálogo. Mas, no século IV, já se encontra despojado da forma dialogal. Segundo Quasten⁶, a forma atual em doze artigos data do século VI. A partir desta data, a inserção do Símbolo do contexto baptismal se aprofunda ainda mais, pois, na França, Espanha e Irlanda, ele começa a ser usado na instrução dos catecúmenos⁷.

Examinemos, agora, a *dimensão dogmática* do Símbolo. Os artigos da fé reunidos no Símbolo são denominados *dogmas*. As decisões da Igreja neste campo estão expressas nas definições dogmáticas dos Concílios e dos Papas e, de modo especial, estão contidas nos Símbolos da Fé. O dogma não é algo estranho à existência humana. Esta possui, de certo modo, uma dimensão dogmática. De fato, existem realidades de ordem antropológica, existencial e, até mesmo, histórica, que não podem ser ne-

gadas sem que o ser humano perca a sua identidade. Em sentido teológico, os dogmas estão ligados à revelação de Deus em Jesus Cristo e à missão que Ele confiou à Igreja. São dados da fé que o cristão não pode negar sem sacrificar a sua identidade. Não são proposições abstratas. Expressam, em nível conceitual, verdades contidas na revelação, enquanto acontecimento salvífico. Por isso mesmo, a adesão aos dogmas é um ato específico de obediência à Palavra revelada, que só é possível numa dimensão de graça. Como afirma São Paulo com relação à confissão fundamental da fé cristã, ninguém "*pode dizer Jesus é o Senhor*", a não ser no *Espírito Santo*" (1Cor 12,3).

O dogma é uma forma especial, usada pela Igreja, para acentuar a validade perene da revelação de Deus a ela dirigida, por ela guardada e anunciada. O elenco de dogmas contidos, de modo articulado, no Símbolo Apostólico, mostra, como vimos acima, que a fé cristã forma um todo e que, portanto, não pode ser fragmentada. O Catecismo dos bispos holandeses, com palavras simples e concisas, assim explica o sentido dos dogmas: "*Dogmas não são palavras nem fórmulas: são valores. Valores que criam espaço vital e abrem largos horizontes. Que fi-*

2. Cf. Mt, 21,337.

3. Ambroise de Milan, *op. cit.*, 47.

4. Cf. *Ibid.* 57.

5. *Ibid.*, 47.

6. Cf. J. Quasten. *Initiation aux Pères de L'Église*. Paris, 1955, v.I, 29.

7. Cf. *Ibid.*

zeram com efeito, os três Concílios sobre Cristo? Nada senão dilatar as balizas ao mais longe possível! Nada negam senão as negações dos homens. Desdobram e desvelam o mistério que se revela nos Evangelhos”⁸.

Algumas vezes, as decisões dogmáticas dos Concílios e, até mesmo, do magistério pontifício parecem opacas por causa do contexto apologético que as envolve: expor, diante de heresias, a verdade a ser crida pela Igreja. Isso não se dá, a meu ver, com as verdades dogmáticas professadas no Símbolo Apostólico. São expressões breves da confissão da fé no espaço da liturgia, sobretudo batismal, no ato de adoração e louvor a Deus e na proclamação das suas obras em favor dos homens.

Primitivamente, na liturgia batismal, a profissão de fé era realizada em forma dialógica (perguntas e respostas) após a profissão pública da conversão, também ela em forma dialógica, como ainda hoje acontece. Esta forma dialógica da profissão da conversão e da fé mostra, antes de tudo, que a fé não é simplesmente adesão do intelecto a uma doutrina. Ela é resposta a Deus que se revela como salvador e, por isso mesmo, implica a conversão, ou seja, uma resposta existencial que envolve o rumo da vida. A vida e todas as

nossas experiências estão envolvidas pela fé. A conversão é, pois, elemento integrante do ato de fé.

A liturgia batismal ao expressar a fé, de forma dialógica, faz eco ao ensinamento de São Paulo: **“A fé vem da audição”** (Rm 10,17), isto é, da audição da palavra revelada que Cristo confiou à Igreja. Isto significa que, pela fé, eu creio naquilo que a Igreja crê. Por isso mesmo, o Símbolo, enquanto profissão de fé, celebra e alimenta a unidade eclesial. Embora a unidade de Igreja tenha outros aspectos, seu fundamento é a profissão da mesma fé. É o que ensina São Paulo: **“Não há senão um só corpo e um só Espírito, como não há senão uma só esperança no termo da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e pai de todos, que está acima de todos, com todos e em todos”** (Ef 4,1-6). Ainda mais, a fé implica uma unidade, uma comunhão, onde a Trindade é o centro. Neste sentido, a Igreja pode ser entendida como a comunhão formada pela profissão do mesmo Símbolo, da mesma fé trinitária.

O Símbolo contém os dados da fé não só referentes ao passado e presente, mas também ao futuro. A fé aponta, pois, para o futuro (esperança). Ela não é simplesmente crença, mas caminho, itinerário.

Ao estruturar o núcleo central do Catecismo em torno do Símbolo, a Igreja quer ensinar que a catequese não é simplesmente ensino escolar. Ela é educação da fé. Mas de uma fé que deve ter a dimensão e as características de tudo aquilo que o Símbolo significa: conversão, obediência à Igreja que guarda e proclama a Palavra revelada, unidade, doxologia, esperança.

A finalidade do *Catecismo* é expressar o conteúdo da fé apostólica de modo compreensível ao homem de hoje. Pelo menos, representa um esforço significativo neste sentido. Evidentemente, esse objetivo só será atingido, de forma mais completa e situada, pelos diversos catecismos a serem elaborados pelas Igrejas particulares e locais, tendo como base o texto típico. Nesta última parte do artigo, quero mostrar o esforço do atual Catecismo neste sentido.

Começamos pelo pano de fundo: *a ordem das quatro partes*. Elas estão intimamente articuladas entre si. Mostram que a *economia divina*, isto é, a dispensação dos dons de Deus, sobretudo a comunhão da vida divina, possui um caráter trinitário: a obra da criação, prolongada pela providência, atribuída ao Pai. A obra da redenção realizada por Cristo e a obra de santificação no Espírito Santo. A mesma economia se prolonga na vida sacramental da Igreja, no seu agir moral, cujo dinamismo é a graça, e na sua dimensão orante.

Tendo presente este pano de fundo, podemos, agora, ressaltar alguns pontos da primeira parte referentes ao mistério cristão. Antes de tudo, a sua *dimensão antropológica*. Trata-se de uma antropologia em nível teológico. Ela parte do homem em busca de Deus. Trata-se de um itinerário, todo ele envolvido pela graça, a começar pela iniciativa de Deus de criar o homem como ser destinado à comunhão com Ele. Nesta perspectiva, podemos entender a referência às *religiões*, que se encontram na introdução à primeira parte. É nesta busca de Deus por parte do homem que se encontra a origem da religião. As religiões são caminhos da busca de Deus. Nelas a Igreja discerne a presença secreta de Deus, e, por isso mesmo, uma preparação para a acolhida do Evangelho. Sendo Cristo o único caminho da salvação e a plenitude da revelação, a Igreja crê que sua ação salvífica opera, de modo misterioso, em tudo aquilo que existe de verdadeiro e justo nas religiões. E é também, a partir da revelação de Deus em Jesus Cristo, que ela procura discernir a verdade presente nas religiões.

Um outro ponto: a explicação, em perspectiva personalista, da *reciprocidade entre homem e mulher*, embora breve, é significativa para a compreensão do homem contemporâneo. O seguinte texto é denso de significado: **“Criados juntos, o homem e a mulher são queridos por Deus um para o outro. A Pa-**

8. O Novo Catecismo; a fé para adultos. São Paulo, Herder, 1969, 102.

lavra de Deus não-lo dá a entender através de várias particularidades do texto sagrado: "Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer-lhe uma ajuda adequada" (Gn 2,18). Nenhum animal é adequado ao homem (Gn 2,19-20). A mulher que Deus forma da costela tirada do homem e que coloca diante dele, provoca de sua parte um grito de admiração, uma exclamação de amor e de comunhão: "Destá vez é osso de meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23). O homem descobre na mulher um outro "eu", que partilha da mesma humanidade que ele. Nenhum dos dois basta a si mesmo. Foram feitos "um para o outro", não no sentido de que Deus os tenha feito "como metades" e "incompletos"; Ele os criou para uma comunhão de pessoas na qual cada uma pode ser "ajuda" para outra, porque são, ao mesmo tempo, iguais enquanto pessoas ("osso de meus ossos") e complementares, enquanto varão e mulher. Sendo cada um "imagem de Deus", ao ajudar-se mutuamente, representam um para o outro esse Deus que os Salmos cantam: "Meu auxílio me vem do Senhor..." (Sl 102,2). Mais misteriosamente ainda, a ajuda e o dom mútuo no amor de caridade (cf. Jo 17,21-22) fazem de sua comunhão certa imagem e semelhança da união das Pessoas divinas da Santíssima Trindade".

Passando para a parte cristológica, observei, no artigo anterior,

a boa articulação que o Catecismo realiza entre os dados dos evangelhos e os dogmas proclamados pelos concílios cristológicos. Temos assim, como corolário, que a confissão de Cristo como Senhor, sua adoração como Deus, implica também o seguimento de sua caminhada como Jesus de Nazaré.

Em continuidade com a Cristologia, vem a Pneumatologia. Talvez, na explicação do mistério cristão, a Pneumatologia seja a verdadeira novidade do Catecismo e, em certa perspectiva, a parte mais importante. Na teologia ocidental, a Pneumatologia, foi sempre um tratado rudimentar e, às vezes, esquecido. A vida da Igreja ocidental esteve sempre marcada por aquilo que os orientais denominam *cris-tomonismo*. Tudo, na Igreja, se explica a partir de Cristo. Não existe, em nível de consciência eclesial, um equilíbrio entre a missão do Filho e a missão do Espírito Santo. A missão do Espírito fica, quase sempre, na penumbra. Com o Concílio Ecumênico Vaticano II, a Pneumatologia começa a se desenvolver na Igreja ocidental. Nestes 28 anos decorridos do término do Concílio, a valorização da missão do Espírito, em nível de consciência eclesial, trouxe conseqüências significativas no plano da reflexão teológica, da vida litúrgica, da pastoral e, sobretudo, da espiritualidade. A síntese pneumatológica realizada pelo Catecismo é rica e bem articulada. Textos de impor-

tantes pensadores e santos da tradição patrística enriquecem a Pneumatologia: Irineu, Gregório Nazianzeno, Ambrósio e outros. Em nível teológico, o Catecismo articula bem a missão do Filho e a missão do Espírito Santo. Embora distintos, a missão de ambos é inseparável. "Quando o Pai envia o seu Verbo, lemos no Catecismo, envia sempre o seu Espírito". Trata-se pois de uma missão conjunta. Ainda mais: o Espírito tem também como missão, possibilitar a vida em Cristo: "Para entrarmos em contato com Cristo, primeiro temos que ser tocados pelo Espírito". O Catecismo cita também alguns textos fundamentais do Antigo e Novo Testamento referentes à pessoa e à missão do Espírito. Mostra que houve não só uma espera do Messias, mas também uma espera do Espírito.

Em continuidade também com a Pneumatologia, desejo lembrar a dimensão pneumatológica da Eclesiologia. A origem da Igreja não se explica só a partir de Cristo e dos Apóstolos. Sem o Espírito, não haveria a Igreja. A vida da Igreja vem do Espírito: "Cheia do Espírito Santo, a Igreja é enviada ao mundo para ser o sacramento de Cristo, cuja vinda prepara, anuncia e torna presente, para que os homens vivam na comunhão da Santíssima Trindade". Tudo o mais que o Catecismo diz da Igreja é uma sín-

tese da eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II, principalmente naquilo que se refere ao mistério da Igreja. Mas, na questão da dimensão pneumatológica da Igreja, ele vai além do Vaticano II.

Sem pretender comentar toda a riqueza da exposição do mistério cristão feita pelo Catecismo, desejo lembrar ainda a doutrina sobre as verdades escatológicas, aquelas que se referem ao futuro da fé. Embora a doutrina seja a mais tradicional até na linguagem, contudo existe nela um ponto significativo: a exposição despojada de uma linguagem destinada a meter medo. Ao contrário, ela está envolvida pela esperança. O Juízo Universal, por exemplo, é visto como manifestação plena do amor e da glória de Deus.

Concluindo, espero que estas breves reflexões sobre a primeira parte do Catecismo da Igreja Católica tenha deixado claro que a riqueza que ele contém supera muitíssimo certas limitações referentes à linguagem e ao pouco desenvolvimento de certos temas.

Pe. Beni dos Santos é Doutor em Teologia e Professor de Eclesiologia e Teologia do Espírito na Faculdade N. S. da Assunção.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga — SP.